

Campo de possibilidades e projeto: motivos que levaram estudantes brasileiros a Portugal

Bianca Lyrio Matheus Aguiar Pinho

Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGEO/ UERJ, 2020)

Doutoranda em Estudos Urbanos pelo Centro de Investigação e Estudos De Sociologia do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa (CIES/ ISCTE-IUL, em curso)

bialyriomap@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-8420-2117>

Patrícia Lânes Araújo de Souza

Doutora em Antropologia pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (PPGA/UFF, 2017)

Pesquisadora no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPCIS/UERJ)

patricialanes77@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-7916-1840>

Resumo

Este artigo analisa as trajetórias de jovens estudantes de pós-graduação que tomaram a decisão de migrar do Brasil para Portugal a fim de dar continuidade aos seus estudos. Busca-se compreender tais fluxos migratórios tendo em vista suas trajetórias e utilizando os conceitos de *campo de possibilidades* e *projeto* a partir das formulações do antropólogo Gilberto Velho. Recorremos à literatura contemporânea sobre a relação migratória entre Brasil e Portugal produzida por pesquisadores de ambos os países e realizamos entrevistas semiestruturadas para identificar o que os levou a migrar e como foi o processo anterior à sua partida, isto é, quais atitudes foram tomadas para deixarem seus lugares de origem. Concluímos que o comportamento e a narrativa desses indivíduos, suas práticas e seus discursos, mostraram-se bastante semelhantes em diversos contextos da sociedade contemporânea.

Palavras-chave migração estudantil; estudantes brasileiros em Portugal; trajetórias de migração; ensino Superior; estudantes internacionais.

Conhecer: debate entre o público e o privado

2022, Vol. 12, nº 28

ISSN 2238-0426

DOI <https://doi.org/10.32335/2238-0426.2022.12.28.7539>

Licença Creative Commons Atribuição (CC BY 4.0)

Data de submissão 13 out 2021

Data de publicação 10 jan 2022

Field of possibilities and project: reasons driving Brazilian students to Portugal

Abstract

This article analyzes the paths of young graduate students who have made the decision to migrate from Brazil to Portugal in order to continue their studies. It aims to understand such migratory flows by considering their paths and using the concepts of *field of possibilities* and *project* based on formulations proposed by the anthropologist Gilberto Velho. We resorted to contemporary literature on the migratory relationship between Brazil and Portugal produced by scholars from both countries and semi-structured interviews were conducted to identify what led them to migrate and what the process was like prior to their departure, i.e. which attitudes were taken by them to leave the places of origin. We have concluded that the behavior and narrative of these individuals, their practices and discourses, proved to be quite similar in various contexts of contemporary society.

Key words student migration; brazilian students in portugal; migration paths; higher education; international students.

Campo de posibilidades y proyecto: razones que llevaron a estudiantes brasileños a Portugal

Resumen

Este artículo analiza las trayectorias de jóvenes estudiantes de posgrado que han tomado la decisión de migrar de Brasil a Portugal para continuar sus estudios. Tiene como objetivo comprender tales flujos migratorios considerando sus trayectorias y utilizando los conceptos de *campo de posibilidades* y *proyecto* a partir de formulaciones propuestas por el antropólogo Gilberto Velho. Recurrimos a la literatura contemporánea sobre la relación migratoria entre Brasil y Portugal producida por investigadores de ambos países y realizamos entrevistas semi-estructuradas para identificar qué los llevó a migrar y cómo fue el proceso previo a su partida, es decir, qué actitudes tomaron para salir de sus lugares de origen. Hemos concluido que el comportamiento y la narrativa de estos individuos, sus prácticas y discursos, resultaron bastante similares en varios contextos de la sociedad contemporánea.

Palabras clave migración estudiantil; estudiantes brasileños en portugal; trayectorias migratorias; enseñanza superior; estudiantes internacionales.

Champ des possibilités et projet: raisons qui ont conduit les étudiants brésiliens au Portugal

Résumé

Cet article analyse les trajectoires de jeunes étudiants aux études supérieures qui ont pris la décision de migrer du Brésil vers le Portugal afin de poursuivre leurs études. Il vise à comprendre de tels flux migratoires en considérant leurs trajectoires et en utilisant les concepts de champ des possibilités et de projet à partir des formulations proposées par l'anthropologue Gilberto Velho. Nous avons eu recours à la littérature contemporaine sur la relation migratoire entre le Brésil et le Portugal produite par des chercheurs des deux pays et des entretiens semi-directifs ont été menés pour identifier ce qui les a poussés à migrer et à quoi ressemblait le processus avant leur départ, c'est-à-dire quelles attitudes ont été prises pour quitter leurs lieux d'origine. Nous avons conclu que le comportement et le récit de ces individus, leurs pratiques et leurs discours, se sont avérés assez similaires dans différents contextes de la société contemporaine.

Mots-clés Immigration étudiante; étudiants brésiliens au portugal; trajectoires migratoires; enseignement supérieur; étudiants internationaux.

Introdução

Os fluxos migratórios entre Brasil e Portugal remontam a séculos de história devido ao passado colonial entre esses dois países. Historicamente, o primeiro sempre foi um país de atração de migrantes, portanto, entre meados do século XIX até a década de 1950, o Brasil recebeu um grande contingente de portugueses (Malheiros, 2007). Enquanto Portugal, até o final dos anos 1980, era sobretudo um país de emigração, com fluxos imigratórios quase que residuais (Baganha & Góis, 1999). Entretanto, a partir da metade do século XX, devido às transformações na economia portuguesa, e após a entrada na União Europeia, em 1986, começamos a perceber uma inversão nessa lógica e, aos poucos, começaram a ganhar maior robustez os fluxos migratórios consolidados de brasileiros para Portugal. Há certa consolidação na literatura sobre esse assunto, nas últimas décadas do século XX ocorreram duas grandes ondas migratórias - a primeira mais tímida, com alguns profissionais qualificados, em meados dos anos 1980, e uma segunda mais significativa de migrantes laborais, no final dos anos 1990 (Malheiros, 2007).

Contudo, ao avançarmos para o século XXI, ainda não temos uma cristalização na literatura sobre o tema a respeito da terceira e quarta ondas migratórias entre Brasil e Portugal. Para França e Padilla (2018) ainda vivenciamos uma terceira onda, tendo em vista que a segunda se estendeu até cerca de 2010, dada a conjuntura da crise de 2008 e posterior aplicação de medidas de austeridade em Portugal entre 2011 e 2014. Isso porque, de acordo com as autoras, continuamos a presenciar a entrada de um grande contingente de trabalhadores com precária inserção no mercado laboral até o final da primeira década do novo milênio. Na visão das autoras, em 2016, a terceira onda se inicia quando começamos a observar novos perfis de migrantes, como investidores, estudantes e aposentados. Enquanto isso, Fernandes, Peixoto e Oltramari (2021) advogam que a terceira onda se inicia em meados dos anos 2000 e que ela vai até a referida crise, indicando que já podemos observar nesse período uma progressiva diversificação dos perfis migratórios. E, por fim, uma quarta onda ocorre com a superação da crise, a partir de 2015.

Apesar da contradição, o que esse debate traz de mais importante é a questão da diversificação dos perfis dos migrantes que presenciamos atualmente, portanto, nosso estudo discute o papel dos estudantes brasileiros nessa diversificação. Dados da Direção Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC, 2020) de Portugal revelam que o número de estudantes internacionais matriculados em estabelecimentos de Ensino Superior portugueses já soma 58.350, dentre os 384.391 inscritos totais. A nacionalidade brasileira é a que apresenta o maior destaque: 21.001 alunos no ano letivo 2019-2020. Diante dessa relevância, nosso intuito é entender, mediante suas trajetórias de vida, como foi o processo de tomada de decisão para morar fora e a preparação para concluir tal feito, ou seja, quais foram as atitudes e estratégias para migrar.

Para tanto, utilizamos os conceitos de *campo de possibilidades* e *projeto* de Gilberto Velho, além da própria compreensão do autor sobre *trajetórias*. Acreditamos que esses termos proporcionam uma lente diferencial às discussões sobre as migrações estudantis contemporâneas (e principalmente sobre o caso dos brasileiros), aprofundando o entendimento do fenômeno. Baseado em na obra do filósofo e sociólogo Alfred Schutz, Velho (2004, p. 107) entende *projeto* como a “conduta organizada para atingir fins específicos”. Portanto, tal conceito fornece bases para o entendimento do fenômeno em questão, uma vez que buscaremos compreender como e em quais circunstâncias ocorreu a decisão de migrar do Brasil e a posterior escolha por Portugal e pela instituição de Ensino Superior.

Há, então, a concepção de uma série de planos que envolvem o ato de migrar para outro país, diversas estratégias são traçadas e posteriormente são tomadas atitudes para se colocar em prática esse *projeto*. Velho (2004, p. 106) indica que devemos pensar a *trajetória* como a expressão de um projeto - ela possui “um poder explicativo, mas deve ser dimensionada e relativizada com a tentativa de perceber o que possibilitou essa trajetória particular e não outra. É aí que parece que a noção de projeto pode ser útil”. Portanto, para investigar o processo social em questão, valemo-nos das experiências subjetivas desses indivíduos, com a intenção de compreender de maneira objetiva o fenômeno das migrações estudantis de brasileiros para Portugal.

Em outra obra, o mesmo autor explica que os indivíduos são “percebidos como sujeitos de uma ação social constituída a partir de redes de significados. [...] como intérpretes de mapas e códigos socioculturais, enfatizando-se uma visão dinâmica da sociedade e procurando-se estabelecer pontes entre níveis micro e macro” (Velho, 2003, p. 16). Assim, quando dizemos que essa pesquisa se baseou em trajetórias de vida, entendemos essencialmente que os relatos dos sujeitos que abordamos expressam discursos e práticas da sociedade, pois cada pessoa é intérprete de mapas e códigos socioculturais (Velho, 2003). De tal modo que, então, podemos compreender uma parte relevante do fenômeno da migração de brasileiros para Portugal nesse momento histórico a partir das trajetórias desses estudantes.

E, em concomitância com as noções de *projeto* e *trajetória*, também devemos entender o conceito de *campo de possibilidades*, pois é a partir dele que conseguimos apreender as transformações pelas quais a sociedade passa, que tornarão viáveis tais *projetos*. Assim, Velho (2004, p. 108) afirma que a “ideia de que em qualquer sociedade e cultura ou situação social existe um campo de possibilidades parece-me crucial para perceber a mudança. É a partir da delimitação desse que se podem perceber a gênese e viabilidade de projetos específicos”. Nessa direção, o *campo de possibilidades* pode ser compreendido como os condicionantes estruturais e conjunturais que são demarcados pela economia, cultura, história etc., nos quais os *projetos* estão submetidos (Pereira & Stengel,

2015). Por meio de tais concepções, esperamos contribuir para as discussões sobre os motivos que levam essas pessoas a mudarem suas vidas, bem como os processos para concluir tal feito.

Metodologia

De maneira virtual, realizamos oito entrevistas semiestruturadas e em profundidade entre os meses de abril e maio de 2020. De acordo com a socióloga Márcia Lima (2016, p. 27), por meio desse instrumento metodológico conseguimos “captar experiências, valores, opiniões, aspirações e motivações dos entrevistados”, aspectos estes que estão em concordância com nossos propósitos de pesquisa. As entrevistas tiveram duração de cerca de 40 minutos até 1 hora e 40 minutos e a entrevistadora manteve contato posterior com os interlocutores para tirar dúvidas no decorrer do processo de análise das informações. Selecionamos estudantes que, em sua maioria, desembarcaram em Portugal para ingressar no ano letivo de 2018-2019, portanto, eles chegaram ao país por volta de setembro de 2018. Vale ressaltar, ainda, a proximidade da entrevistadora com três dos entrevistados, o que, por meio da técnica da “bola de neve” permitiu alcançar o número e a quantidade de material desejável para a execução desse trabalho. Foram adotados nomes fictícios para preservar a identidade dos interlocutores.

As entrevistas foram realizadas com 4 mulheres e 4 homens, com idades entre 23 e 32 anos, que chegaram a Portugal com o intuito primordial de realizar um curso de pós-graduação (mestrado ou doutorado). Tratam-se, portanto, de jovens adultos que cursaram sua graduação no Brasil e saíram de grandes metrópoles desse país por diversos motivos que aqui exploramos. Em sua maioria, eles se autodeclararam brancos, falantes de pelo menos mais de um idioma, e já tiveram experiências de intercâmbio ou viagens internacionais anteriores à sua saída do Brasil.

Todos podem ser considerados dentro do perfil socioeconômico que denominamos “classe média”, tendo um grande apoio (tanto financeiro quanto moral) de suas famílias. Contudo, tendo em vista a grande diversidade dessa classificação, consideramos que nossos entrevistados se inserem naquilo que Gilberto Velho compreende como “camadas médias”. Este termo foi usado em diversos trabalhos do antropólogo, mas aqui destacamos sua dissertação de mestrado, que posteriormente virou livro: *A utopia urbana* (Velho, 1989). As camadas médias urbanas possuem ideologias bastante particulares, atreladas a uma experiência de classe que valoriza questões de *status* e prestígio social. Portanto, ter um bom emprego, uma formação de qualidade, viajar, ter poder de compra e participar de eventos culturais são alguns aspectos que ajudam a compreender quem são essas pessoas.

O roteiro das entrevistas contou com perguntas abertas que nos deram liberdade para adaptação, conforme a fala de cada interlocutor, além de uma breve ficha com as

informações essenciais para identificá-los: nome, idade, local de nascimento, onde estudou no Brasil e onde estudava em Portugal, dentre outros aspectos. Nas perguntas, abordamos os motivos que os levaram a pensar em migrar para outro país; o porquê da decisão de fazer o curso que estavam inseridos e se cogitaram uma universidade no Brasil; como foi a preparação para migrar, ou seja, como se articularam, com quem falaram, quais documentos precisaram providenciar, como se desfizeram de seus pertences etc.; como se sentiram antes de mudar-se; além de outras perguntas que não foram enfocadas especificamente neste estudo.

Resultados e discussão

Acreditamos que um dos pontos de partida fundamentais para entender as motivações desses sujeitos para sair do Brasil, com o intuito de perpetuar ou retomar seus estudos no exterior, seja a crise político-econômica enfrentada pelo país. Então, assumimos que o ponto inicial dessa crise mais recente consistiu no golpe sofrido pela presidente Dilma Rousseff, concluído em meados de 2016. Economicamente, sabemos que o país já vinha apresentando sinais de instabilidade desde 2014-15, ou mesmo que o crescimento econômico vinha decaindo desde 2011 (De Chiara, 2020). Esse panorama se refletiu no desemprego, no subemprego e no aumento do processo de favelização, além da ampliação no número de moradores de rua. A socióloga Patricia Villen (2018) analisa essa circunstância:

Diversos estudos têm mostrado os impactos perversos da atual crise para a oferta e a qualidade do emprego no Brasil, situação agravada pelas políticas e reformas legislativas recentemente aplicadas. Com base em dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, Di Cunto (2018) aponta que o Brasil, em julho de 2018, é o segundo país com maior taxa de desemprego na América Latina (12,3%, perdendo apenas para o Haiti). [...] Não há dúvida de que as “lógicas de expulsão”, marcas da “brutalidade característica da economia global” (Sassen, 2014) e acentuadas pelo atual contexto de crise, também estão plenamente ativas, hoje, no Brasil. A emigração em massa é um sintoma que não deve ser desprezado, pois reflete o aumento exponencial do desemprego, da violência provocada pelo aumento das desigualdades, o rebaixamento de salários e de direitos e a degradação das condições de vida (Villen, 2018).

Os números trazidos pela autora por meio dos dados da Organização das Nações Unidas (ONU) são ainda mais impactantes quando lembramos que o Haiti é o país mais pobre de todo o continente americano, com cerca de 80% de sua população vivendo abaixo da linha da pobreza - a dramática condição à qual a classe trabalhadora se vê submetida

no Brasil. Portanto, cabe salientar que o grupo de entrevistados é um reflexo contundente dessa situação que ainda assola o país em 2021, no momento em que este artigo foi redigido. Ou seja, o desemprego pode ser compreendido como um dos fatores essenciais para esses indivíduos, que passaram a cogitar o investimento nos estudos fora do Brasil como uma saída para o enfrentamento de suas adversidades. Reproduzimos abaixo o relato de dois entrevistados, com situações bastante parecidas no que diz respeito à falta de perspectivas de encontrar um novo emprego em solo brasileiro:

Eu [es]tava desempregado aqui [no Brasil] [...] e como [es]tava difícil de conseguir emprego aqui, eu comecei a pensar em tentar um título de mestrado pra melhorar meu currículo [...] eu passei um ano e pouco desempregado e pesquisando essas coisas, pesquisando cursos [...] e além disso é bem mais barato um mestrado lá fora do que aqui. (Bernardo)

Na verdade, foi oportunidade, eu [es]tava desempregada no Brasil [havia dois anos], não [es]tava me interessando em nenhuma pós pelo Brasil, [es]tava tudo muito caro e Portugal era uma oportunidade mais viável, mais barata [...] mesmo imigrando para ter uma qualificação maior. (Paula)

Sob essa perspectiva, pode-se afirmar que a difícil conjuntura político-econômica do país é um dos elementos que compõem o *campo de possibilidades* desses sujeitos. Gilberto Velho (1994, p. 28) explica que “campo de possibilidades trata do que é dado com as alternativas construídas do processo sócio-histórico e com o potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura”. Ou seja, consiste nas opções de escolha disponíveis aos indivíduos em determinado contexto social e momento histórico. No caso aqui analisado, as transformações políticas e econômicas em nível nacional são fundamentais para entender esse momento decisivo dos projetos individuais. Assim, o que buscamos compreender é como os sujeitos desta pesquisa delinearam seus *projetos* migratórios a partir do *campo de possibilidades* no qual se inseriram.

Ademais, a condição financeira dos entrevistados é um aspecto relevante na configuração de tal *campo de possibilidades*. Como referimos, essas pessoas possuem algum recurso financeiro individual ou familiar disponível para arcar com os altos custos da migração legal para um novo país. Os gastos iniciais como traslado, alimentação, moradia etc. são bastante elevados. Além disso, diante da desvalorização do real frente ao dólar/euro (Mota, 2020), concluímos que fazer parte das camadas médias brasileiras urbanas proporcionou ao grupo estudado a estrutura material necessária para a concretização de seus planos.

Por outro lado, mesmo suas condições materiais sendo mais favoráveis, estas não eram irrestritas, como a de quem pode escolher qualquer lugar do mundo para estudar, sem se preocupar com o preço do curso ou com o meio de sobrevivência no novo país. Constatamos isso na fala dos entrevistados, quando eles expuseram suas situações de desemprego e destacaram, ainda, o fato das mensalidades das universidades portuguesas serem muito mais baratas do que as de outros países europeus. Daniela relatou, por exemplo, que pesquisou diversas instituições em diferentes países. Dentre várias ponderações, ela enfatizou que nas universidades estadunidenses: “se um americano paga 20 mil dólares, um estrangeiro paga 100 mil dólares. Para mesma coisa. É um absurdo”. Outra entrevistada revelou uma situação semelhante no Reino Unido:

Portugal não foi minha primeira opção, minha primeira opção era Londres, mas era muito mais caro. [...] Tem o fato de você não poder trabalhar. Quando você vai com o visto de estudante, você não pode trabalhar. Para você tirar o visto, você tem que ter o valor do curso e o valor para se manter pelo tempo. Quando eu fui ver para mim, eu tinha que ter na minha conta 80 mil reais parados pelo tempo do meu curso, que seria [de] um ano. [...] E eu ainda tinha desconto, porque era uma faculdade afiliada com a OAB, imagina se não fosse, ia ser mais caro. Portugal foi muito a escolha: era mais barato, era mais acessível. (Paula)

Assim, se por um lado temos a escolha de universidades portuguesas sendo adaptadas às condições econômicas desses indivíduos e de suas famílias, por outro a conjuntura portuguesa também deve ser analisada. Primeiro, o fato do custo de vida no país ser baixo em comparação com o de outras capitais europeias, como Paris e Londres (argumento destacado durante as entrevistas como um dos aspectos positivos de viver em Portugal). Em segundo lugar, o posicionamento nas últimas décadas, sobretudo de Lisboa, como uma cidade moderna, diversa e cosmopolita que, portanto, busca atrair os estudantes internacionais que se inserem nessa lógica de consumo do espaço urbano (França, Cairns, Malet Calvo, & Azevedo, 2021). Além disso, Portugal é um país idoso e com população economicamente ativa reduzida, o que também corrobora o incentivo à captação desses jovens estudantes.

Desse modo, Iorio e Fonseca (2018, p. 10) também apontam que a forte redução no número de nascimentos em Portugal “vai refletir-se na diminuição do número de candidatos ao [E]nsino [S]uperior, constituindo uma forte ameaça à sustentabilidade de algumas instituições universitárias e institutos politécnicos”. Nessas condições, “as instituições de [E]nsino [S]uperior começaram a desenvolver estratégias para a captação de novos estudantes internacionais” (Iorio & Fonseca, 2018, p. 11). Como exemplo dessas

táticas, nossos interlocutores relataram, por exemplo, que o processo de candidatura nas universidades portuguesas era muito mais simples em comparação ao de outros países europeus:

Eu comecei a pesquisar cursos que me agradassem aqui pela Europa, e aí Lisboa não era minha primeira opção, mas eu vi o curso, eu gostei, eu achei o edital, a forma de entrar mais simples dos outros que eu [es]tava procurando, porque eu [es]tava procurando na Itália e era bem complicado, e aí eu apliquei. Foi realmente muito tranquilo, foi muito fácil e eu já recebi a resposta muito rápido de que eu tinha sido aprovada. (Roberta)

Vemos, então, que existe um conjunto de estratégias para captar estudantes estrangeiros por parte das instituições de Ensino Superior portuguesas. Dentre elas, a facilidade no processo de candidatura, junto com a diminuição das mensalidades de que falamos anteriormente. Tais fatores contribuem bastante para a atração dos estudantes brasileiros. Roberta apontou que, apesar de saber falar italiano, não se sentia segura para fazer um curso completo nesse idioma e que também não encontrava cursos que fossem 100% em inglês (como foi o caso de sua escolha final), língua na qual ela apresenta maior domínio. Além da funcionalidade dos sites das universidades portuguesas, as quais ela volta a enfatizar:

Então, eu buscando na internet não achava faculdades que, por exemplo, ministrassem o curso em inglês. Ou ele era 100% em italiano, ou o que eu cheguei a achar era meio a meio [...]. E você tinha que fazer uma prova de proficiência no italiano. E mesmo assim eu não conseguia achar, tipo: “então você se inscreve aqui, então você manda o seu currículo, você manda o seu diploma”. Eu não conseguia entender muito isso. Então foi me dando uma cansada. [...] E aí foi quando eu achei esse aqui de Lisboa, que era um curso que me interessava e tinha tudo ali. [...] Era um site muito mais funcional: “aqui o seu currículo, aqui o seu CR, aqui sua experiência profissional”. Então, eu achei muito mais fácil de entender, de se inscrever, do que lá [na Itália]. (Roberta)

Além daquelas destacadas anteriormente, outra estratégia adotada pelas universidades portuguesas é a divulgação em rankings internacionais. Gustavo relatou que iniciou sua busca por mestrados no continente europeu e encontrou um curso que estava “constando como 1º lugar da Europa na área de marketing e 4º lugar no mundo em 2018. E eu falei assim ‘tá, é isso que eu quero, vai ser esse’”. Eric também destaca esse

fato como relevante em sua decisão: *“eu comecei a procurar e vi Portugal. Ele [es]tavam num dos melhores [lugares] do ranking no tema. A Nova [...] [es]tava numa das melhores posições sobre esse tema, mestrado em estatística. E eu falei ‘poxa, é uma boa opção’”*. Constatamos que a escolha da universidade e do curso é fortemente influenciada pelo *status* das instituições. Praticamente todos citaram o posicionamento de seus cursos e suas faculdades como muito bom em rankings europeus e mundiais, evidenciando o valor central atribuído ao investimento em sua educação formal.

Outro motivo levantado nas entrevistas como componente da decisão definitiva pela migração foi o compartilhamento da língua portuguesa entre Brasil e Portugal. Bernardo explicou esse aspecto da seguinte maneira: *“eu falo bem inglês, mas não fluentemente [...] então, eu quis procurar um curso que fosse em inglês [...] mas que não fosse um lugar que eu precisasse fazer tudo em inglês, senão talvez fosse perrengue demais”*. Novamente, trazemos os aportes de Iorio e Fonseca (2018, p. 6-7), para quem “pode admitir-se que a possibilidade de se exprimir na língua materna, ou noutra em que se tenha proficiência, também pode funcionar como um fator para a escolha do país de destino”. Constatamos mediante as entrevistas que, para escrever uma dissertação ou tese, os estudantes estrangeiros se sentem muito mais confortáveis em seu idioma de origem, tendo em vista os termos técnicos e a linguagem necessária para completar tal feito com sucesso, sem contar o dia a dia, que torna certos processos mais fáceis. Marcela esclareceu que: *“além da língua, que é um facilitador também, pra fazer um mestrado em português vai ser muito mais fácil”*. Ao contrário do que seria possível inferir, não se trata de construir uma oportunidade de aprendizado de outra língua, mas de considerar os bônus advindos de compartilhar traços culturais que contribuem para o acesso à pós-graduação em um país estrangeiro.

As proximidades em termos linguísticos podem ser pensadas como parte de uma dimensão mais ampla, que atravessa a escolha dos entrevistados pela migração para Portugal, ou seja, o que podemos chamar de “questão cultural”¹. De acordo com Araújo e Silva (2014, pp. 235-236), sobre a mobilidade de investigadores e estudantes brasileiros em Portugal, “a existência de características culturais (que despertam a curiosidade ou reforçam a pertença) apresentam-se como facilitadoras da integração social”. O fato do Brasil ter sido colônia de Portugal faz com que exista uma suposta proximidade cultural entre essas duas nações que vai muito além da língua (influência religiosa, culinária, arquitetônica etc.). Portanto, o passado colonial assume um duplo papel, na medida em que tanto aproxima os países culturalmente quanto aguça o interesse recíproco, visto que também há inúmeras diferenças entre eles (inclusive naquilo que se refere ao idioma).

Araújo e Silva (2014) apontam que as características culturais comuns despertam a curiosidade ou reforçam a pertença dos imigrantes, mas é possível dizer que há uma

¹ Entendemos que a língua faz parte da cultura de um povo, porém, tendo em vista que estas foram abordadas de maneira individual durante as entrevistas, optamos por analisá-las em sequência e não em conjunto.

sobreposição desses vieses. Isto é, ao invés do “ou”, a cultura funciona como “e”, pois o fato de apresentar traços parecidos, mas também distintos, ao mesmo tempo que desperta a curiosidade, reforça o pertencimento, ao menos em um primeiro momento. As autoras acrescentam que “muito notoriamente, a posse da história que liga os dois países forma o primeiro plano do código comunicativo de base, demonstrável no discurso e nas representações sobre a integração em Portugal” (Araújo & Silva, 2014, p. 236). Assim, o compartilhamento cultural funciona, ainda, como um facilitador da integração desses estudantes migrantes brasileiros em Portugal.

E até quando a língua e a cultura não foram consideradas fatores de atração por Portugal, tais aspectos estiveram presentes na fala dos entrevistados. Eric explicou que: *“eu iria pra outro lugar, mas realmente, hoje eu vejo que a minha adaptação aqui foi muito mais fácil por ser em Portugal. [...] por causa da língua, por causa da cultura, tem muita coisa do Brasil aqui”*. Essa influência que o Brasil também exerce em Portugal foi destacada por Bernardo: *“eles têm muita influência nossa, principalmente cultural, música [...] eles gostam muito das nossas coisas, da nossa cultura, da influência que a gente tem”*. Entretanto, como dissemos, ainda assim existem muitos aspectos que os diferenciam, fato que também atrai o estudante brasileiro. Paula, por exemplo, quando perguntada sobre os motivos que a levaram a migrar, destacou *“uma vontade de tentar em outro lugar, de conhecer outra cultura”*.

Abordamos, aqui, os motivos que levaram jovens brasileiros a estudar em Portugal, sendo a ligação entre a história e a cultura dos dois países um inegável fator de impulsionamento e adaptação no processo migratório. Entretanto, apesar de não ser o foco deste estudo, não podemos negligenciar o fato de que tais relações coloniais acarretam uma série de conflitos no cotidiano desses migrantes. A discriminação ainda é uma experiência vivenciada entre os estudantes migrantes dentro das universidades europeias (Ploner & Nada, 2020) e que também está arraigada na sociedade portuguesa. Marcela salientou que: *“os portugueses são muito xenófobos. Eu acho que muito por essa questão de nós termos sido colônia deles. Acho que alguns veem a gente como inferiores. [...] vir para cá, é você saber que você vai passar uns preconceitos”*.

Viver em outro país, estudando e trabalhando, também significa ter de lidar com códigos culturais mais complexos, que ultrapassam as semelhanças culturais idealizadas. Além disso, faz-se necessário repensar seu lugar social à luz de um contexto fortemente marcado por relações históricas de poder desfavoráveis para aqueles que vêm das antigas colônias. Essa é uma dimensão fundamental de experiências que conformam a realização de projetos individuais considerando um *campo de possibilidades* amplo e complexo, atravessado por uma geopolítica colonial ainda presente no cotidiano de ambas as realidades (brasileira e portuguesa).

Desse modo, tendo compreendido os motivos que levaram esses jovens adultos a optar pela migração como parte fundamental de seus *projetos* nesse momento de suas vidas, tendo em vista o *campo de possibilidades* que buscamos delinear, passemos à análise do processo de partida, ou seja, quais foram as estratégias dessas pessoas de acordo com suas alternativas sociais, econômicas, históricas, culturais etc. para executar de fato seus *projetos* migratórios.

Desapegando do lugar: os preparativos para deixar o Brasil

Agora, cabe discutir o *como*, ou seja, as estratégias de cada um dentro de seus *campos de possibilidades* para colocar em prática seus *projetos*. Podemos pensar os *campos de possibilidades* compostos por diferentes camadas que não existem de maneira independente, mas que podem ser separadas para fins de análise. Tão relevante quanto considerar aspectos históricos, culturais, políticos e econômicos pode ser compreender de que maneiras tais aspectos se realizam dentro de *projetos* coletivos familiares ou no cotidiano de pessoas e famílias situadas em classes sociais, meios (no caso, urbano e metropolitano) e relações geracionais específicas. Discutiremos aqui, tendo em vista tais realidades microsociais, de que modo os entrevistados estruturaram sua saída de seu país de origem, desfazendo laços e construindo modos de concretizar seus desejos de viverem e estudarem em outro país.

Abordamos aspectos relativos ao processo de desmontar a vida no Brasil, além de questões relativas à documentação, à legalização e à chegada a Portugal. Levamos em consideração, ainda, não só questões de cunho objetivo, mas também a subjetividade inerente ao processo de saída de seus locais de origem. Mostra-se importante dizer que, apesar dos processos burocráticos serem os mesmos na maior parte das vezes (como o pedido de visto de estudante junto ao consulado português no Brasil, por exemplo), percebe-se, a partir dos relatos coletados, que existe uma enorme variação nas maneiras como vivenciam e lidam com tais processos.

Aqueles que possuíam cidadania europeia encontraram facilidades em relação às questões burocráticas. Roberta, que tinha cidadania italiana, por exemplo, relatou que suas amigas que só tinham o visto estudantil tiveram maior dificuldade para tirar o número de identificação fiscal (NIF) (documento com a mesma função do CPF no Brasil), enquanto o dela foi providenciado com muito mais agilidade: *“as meninas tinham de mostrar um comprovante de residência, o visto [...] eu [...] apresentei meu passaporte e falei ‘oi, estou morando aqui, eu moro na rua tal’. E eles emitiram um documento para mim de cidadão europeu”*. Paula explicou que os vistos de estudante emitidos no Brasil têm duração de 6 meses até 1 ano e que você não pode trabalhar possuindo tal visto. Assim que você chega

a Portugal, também é preciso agendar junto ao *SEF – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras*² a *autorização de residência*, pois é a partir dela que se está legalmente apto a trabalhar.

Machado (2015) afirma que a palavra-chave para compreendermos a situação do migrante assim que chega ao país de destino é a *vulnerabilidade*, principalmente quando analisamos a situação laboral deles. Isso porque conseguir um emprego é algo de extrema importância para a subsistência dessas pessoas; observou-se isso no grupo estudado, mesmo considerando que todas faziam parte de camadas médias urbanas. Assim, quando encontram empecilhos legais para alcançar esse objetivo, sua situação se torna ainda mais delicada, considerando as incertezas às quais se veem submetidas. Em Portugal, o agendamento e a retirada de documentos é um processo demorado, que se articula ao modo de funcionamento da burocracia no país.

O SEF lida com uma grande demanda, tendo em vista ao enorme número de estrangeiros que precisam conseguir um emprego para se manter no país (esse era o caso de todos os nossos entrevistados). E contar com apenas um dia agendado para dar entrada no pedido do visto que possibilita o trabalho não é suficiente para que grande parte das empresas considerem um estrangeiro apto a concorrer a uma vaga de emprego. E, devido à morosidade do processo até que se consiga de fato tal documento, esse tempo sem estar trabalhando legalmente pode ser inviável para muitos recém-chegados. Esse foi o caso de um de nossos entrevistados, que passou por diversas entrevistas até ser aceito somente com seu agendamento:

Eu cheguei a fazer várias entrevistas para algumas empresas, mas não me aceitavam porque eu não tinha visto de residente³, eu entrei com o visto de estudante, então várias empresas não aceitam. Até que eu consegui na minha empresa, é uma empresa de consultoria que tem no mundo todo, tem no Brasil também. (Leonardo)

Apesar desses jovens adultos terem vindo para Portugal com a finalidade primordial de estudar, além de sua inserção nas camadas médias, o trabalho também faz parte de seus *projetos*, tendo em vista que não cogitam manter seu sustento sem um emprego. Trazemos, ainda, o relato de uma entrevistada que escolheu mudar seu curso de pós-graduação para

2 Dentre suas diversas atribuições, o SEF é responsável pela emissão de títulos de residência a cidadãos estrangeiros que residem legalmente em Portugal.

3 Ele disse *visto*, mas, de acordo com nossas pesquisas em *sites* de viagens, a partir dos diversos relatos e também consultando os órgãos oficiais, o termo certo quando a pessoa busca permanecer em Portugal é *autorização*. O visto de residência existe, mas este é pedido antes do indivíduo sair do Brasil; além disso, tal documento não se enquadra no caso desses estudantes.

um mestrado, pois isso permitiria que ela prolongasse sua estadia em Portugal e fosse contratada por uma empresa:

Eu cheguei aqui para pós, comecei a procurar emprego, descobri que se eu tivesse só esse visto temporário eu não ia conseguir emprego, porque as empresas, na teoria é lindo, mas na prática nenhuma empresa vai te contratar. Então eu fiz a maluquice, e corre e puxa de um lado e puxa do outro, para eu mudar para o mestrado. [...] Eu sabia que eu tinha mais ou menos, menos de um ano com o dinheiro que eu tinha guardado. Se eu quisesse ficar mais de um ano, eu tinha que arrumar um emprego. E se eu não mudasse de visto eu não ia conseguir um emprego. (Daniela)

Dessa forma, vemos que as estratégias de cada estudante migrante para que seus *projetos* continuem caminhando são completamente distintas. Considerando seu *campo de possibilidades*, a interlocutora acima conseguiu prolongar sua estadia, tendo de apresentar uma série de documentos e cumprir com os prazos exigidos pela faculdade para que ela conseguisse prolongar sua estadia em Portugal de forma regular e, assim, conquistasse um emprego em sua área de atuação, feito que ela conseguiu realizar após quase um ano de sua chegada ao país. Deve-se considerar que essa estudante tinha como *projeto* encontrar um emprego em sua área, o que pode ajudar a entender a maior dificuldade que enfrentou para encontrar um trabalho legal (em comparação a outros entrevistados). Diversos deles tinham a intenção de não trabalhar como garçons, recepcionistas etc., empregos de menor qualificação e frequentemente fora de seus *campos de possibilidades* no país de origem.

Nas palavras de Leonardo: *“eu sabia que eu não queria trabalhar em restaurante, que eu não queria trabalhar [...] é muito feio eu falar isso, mas a gente chama de subemprego. Eu sabia, mas se precisasse, eu trabalharia, mandei meu currículo também”*. Ou seja, o *projeto* individual inclui uma série de expectativas pautadas pela realidade vivenciada no país de origem, o que, por vezes, contribui para uma forte frustração diante dos desafios colocados pela condição de estrangeiro latino-americano na Europa e pelas oportunidades e condições de trabalho mais frequentemente disponíveis para tais migrantes.

Voltando a abordar os preparativos para deixar o Brasil, constatamos a necessidade de abandonar ou desapegar de muitos objetos pessoais. Em primeiro lugar, coloca-se uma questão bastante prática, a venda de itens pessoais, considerando que as companhias aéreas impõem um limite de volume e peso das bagagens. Qualquer coisa acima de tal limite implica um novo aporte de recursos financeiros, nem sempre disponível. Entretanto, também é necessário considerar que a escolha daquilo que se leva e do que se deixa

para trás faz parte do processo de rompimento com o lugar de origem, ou seja, isso está permeado por questões subjetivas que requerem maior delicadeza em nossa análise.

Desfazer-se de objetos pessoais ocorre junto com o processo de deixar casa, familiares, amigos e lugares conhecidos e marcados por relações de afeto. Mesmo com as diversas ferramentas de tecnologia hoje existentes, as quais aproximam virtualmente as pessoas, as relações face a face jamais são substituídas. Portanto, deixar suas famílias e amigos, sua vida pessoal e sua rotina é uma tarefa bastante complicada, que expõe uma das dimensões mais sensíveis desse projeto e pressupõe um agudo processo de separação.

Dentre os 8 entrevistados, somente 2 não moravam com pais ou parentes próximos antes de migrarem. Dessa maneira, a maior parte deles não precisou se preocupar em vender ou alugar seus apartamentos, vender ou doar seus móveis, suas roupas, seus livros ou outros pertences, pois estes ficaram nas casas de suas famílias, onde moravam anteriormente. Ainda assim, mesmo quando não há esse desmonte mais drástico da vida anterior, devemos atentar para as dificuldades de desapegar-se de muitas coisas que não caberão nas malas, ou seja, de fazer escolhas. Isso sem contar as relações afetivas com a família, os amigos e seu lugar de origem, que serão rompidas (no caso da cidade, do bairro e dos bens materiais) e ressignificadas (naquilo que diz respeito às pessoas). Quanto àqueles que precisaram desfazer-se de pertences e bens materiais, buscamos considerar que os procedimentos adotados exigem uma série de decisões e ações antes da viagem.

Marcela, por exemplo, morava com seu marido no Brasil, em um apartamento que pertencia a um familiar, alugado por eles por um preço abaixo do valor mercado. Ela se casou em meados de 2019 e morou no mesmo endereço até sua partida para Portugal, em outubro do mesmo ano. Ela conta que, quando eles se mudaram para esse local, não tinham móveis e, assim, suas famílias os ajudaram a mobiliar o imóvel. Tendo em vista que se casaram no mesmo ano em que migraram para Portugal, ao invés de uma clássica lista de casamento em *sites* de móveis ou utensílios domésticos, eles pediram como presentes quantias para contribuir com os custos da viagem. Assim, eles conseguiram juntar recursos financeiros mediante a venda de seu mobiliário e com os presentes do casamento. Outra estratégia foi vender suas roupas, já que o clima mais frio de Portugal faz com que sejam necessárias peças diferentes:

Eu me desfiz de muita coisa do meu armário. Porque o armário pra Portugal é totalmente diferente. Aqui, a gente não usa muito vestidinho e no Rio eu tinha muito vestido. Então, eu fiz um bazarzinho, só para as pessoas próximas mesmo. E vendi muita coisa. Acho que até o meu segundo mês de Portugal minha mãe continuou vendendo minhas roupas e eu continuei ganhando dinheiro. Então, foi ótimo, isso me ajudou muito também. Isso foi para ajudar a gente em relação a dinheiro. (Marcela)

Daniela morava sozinha em um apartamento pertencente a seu pai, não pagando aluguel. Ela vendeu a maior parte de seus móveis e confiou alguns a seus parentes. Relatou na entrevista que teve cerca de 3 ou 4 meses para organizar tudo, focando apenas nisso, já que tinha sido demitida de seu emprego. Mesmo considerando que teve mais tempo para se dedicar à organização desse aspecto da mudança, definiu todo o processo como caótico: *“eu tive muitas decisões a serem feitas. Muita conta para saber se ia dar certo, muita timeline de visto, de burocracia, do que trazer [...] a minha vida [es]tava uma bagunça. [...] Foi uma confusão”*. A fala e o tom de Daniela manifestam bastante apreensão, demonstrando como todo esse processo de mudança para outro país é mais complicado quando se possui mais responsabilidades, como a gestão integral de uma casa e de seus pertences.

Paula, que morava com dois parentes, também precisou se desfazer de seus pertences, já que eles também se mudariam para Portugal (mas a partir de processos independentes). Ela relatou que vendeu todos os móveis, eletrodomésticos, eletrônicos etc. da casa, restando apenas alguns itens pessoais que foram encaixotados e enviados para a casa de parentes. Objetos como álbuns de fotografia, documentos e outros pelos quais têm grande apreço e, mesmo que passem anos sem vê-los ou usá-los, acreditam ser importante mantê-los com pessoas em quem eles confiam.

Milton Santos (2006, p. 222) explica que o migrante, em seu lugar de origem, “estava submetido a uma convivência longa e repetitiva com os mesmos objetos, os mesmos trajetos, as mesmas imagens, de cuja construção participava: uma familiaridade que era fruto de uma história própria, da sociedade local e do lugar”. Porém, quando o migrante chega ao seu lugar de destino, seu passado não está lá, a memória não o ajudará em quase nada naquilo que diz respeito à sua luta diária. Assim, aos poucos, esses estudantes migrantes começam a se integrar no país anfitrião “e o indivíduo recupera a parte do seu ser que parecia perdida” (Santos, 2006, p. 223). “A consciência *pelo lugar* se superpõe à consciência *no lugar*. A noção de espaço desconhecido perde a conotação negativa e ganha um acento positivo, que vem do seu papel na produção da nova história” (Santos, 2006, p. 224). Desse modo, quando perguntamos a cada um sobre seus sentimentos no momento anterior à partida, suas falas revelaram muita apreensão com o que estava por vir e os possíveis empecilhos que poderiam enfrentar, mas, ao mesmo tempo, muita certeza daquilo que queriam, realçando o receio de deixar seu lugar de origem e sua família, mas também o desejo de colocar em prática seus *projetos*. Reproduzimos abaixo um desses relatos:

Eu tinha em mim que eu precisava lutar pelo que eu queria, por mais que me doesse muito [...] por ser muito apegada à minha família. Mas eu também penso que conseguir ter uma vida melhor aqui [em Portugal] com o meu marido, um dia tanto eu quanto ele a gente possa oferecer alguma coisa para os nossos pais. [...]

Mas é sempre muito dolorido sair de lá [do Brasil]. Eu [es]tava muito determinada.
(Marcela)

A fala acima demonstra empiricamente o que debatemos a respeito do lugar, mas ainda é necessário discutir a relação de afastamento físico entre esses estudantes migrantes e suas famílias e seus amigos. De acordo com Saturnino (2015), houve um tempo em que muitos autores, pessimistas segundo ele, defendiam que a internet era compreendida como mais uma ameaça aos contatos sociais face a face. Porém, com base na literatura existente, ele argumenta que alguns autores “acreditam que nela se estabelece uma nova sociabilidade específica a partir da ideia não de uma comunidade baseada em agrupamentos, mas em forma de redes” (Saturnino, 2015, p. 25). Dessa maneira, entendemos que, inicialmente, de fato há um rompimento muito forte das relações sociais desses migrantes. Contudo, logo em seguida ocorre um processo de ressignificação dessas relações, a partir do uso de diversas ferramentas que facilitam a comunicação, graças à maior difusão na internet. Para o sociólogo Manuel Castells (2007 como citado em Saturnino, 2015, p. 26),

[...] os indivíduos constroem as suas redes, *online* e *offline*, sobre a base de seus interesses, valores, afinidades e projectos. Devido à flexibilidade e ao poder de comunicação da internet, a interacção social *online* desempenha um papel cada vez mais importante na organização social no seu conjunto. Quando se estabilizam na prática, as redes *online* podem construir comunidades, ou seja, comunidades virtuais, diferentes das comunidades físicas, mas não necessariamente menos intensas ou menos eficazes em unir e mobilizar.

Vemos, então, a grande força da internet nas novas formas de interação social. Dessa forma, a saudade da família e dos amigos, ressaltada como um dos piores lados de estar em Portugal, pode ser amenizada pelas ligações em vídeo ou em áudio via *WhatsApp*, por exemplo, tão comuns para essa geração de jovens adultos. Inclusive, esse mecanismo foi ressaltado na fala de nossos entrevistados como um importante paliativo para minimizar a falta que fazem as relações face a face com pessoas conhecidas. Eric afirmou que “*no início, eu falava com eles [seus pais] praticamente todo dia, porque eu [es]tava sozinho aqui, [es]tava naquele inverno, então, eu ligava pra eles pra falar todo dia*”. Além dos aplicativos que facilitam a comunicação instantânea, o preço mais baixo das passagens aéreas antes da pandemia de doença por coronavírus 2019 (COVID-19) teve papel fundamental na vida dessas pessoas, que puderam deslocar-se com maior facilidade, considerando as condições econômicas dos entrevistados:

Volta e meia bate saudade, de toda a minha família, sinto muita saudade da minha avó. [...] Eles já vieram aqui uma vez me visitar. Minha madrinha, meu padrinho, meus pais e meu irmão [...]. Em setembro [de 2019] eu fui ao Brasil [...] e agora eles estavam marcados de vir, meu pai e minha mãe [...] para conhecer mais, fazer uma viagem, né, e eu iria fazer a viagem com eles, só que bem antes do começo do Corona. [...] E agora eu pretendo ir em julho para o Brasil em segredo, porque vai nascer meu primeiro sobrinho, filho do meu irmão. E eu queria fazer uma surpresa [...]. Isso é um dos pontos fracos aqui, minha família, a saudade da minha família.
(Gustavo)

O relato de Gustavo coloca em proeminência um novo elemento em seu campo de *possibilidades* (comum não somente aos demais participantes desta pesquisa, mas aos estudantes internacionais em geral): a pandemia de COVID-19. Mesmo com condições materiais para se deslocar entre os dois países (o que também variou entre os entrevistados), a mobilidade foi interrompida e muitos desses estudantes foram impedidos por tempo indeterminado de reencontrar parentes e amigos ou de visitar seu lugar de origem. Essa imobilidade trouxe consigo uma série de incertezas para esses jovens, que viram sua saúde mental e seu bem-estar abalados durante o período em questão. A saudade aumenta ainda mais e a preocupação com a possível infecção dos familiares que estão longe se torna um medo permanente. Nesse sentido, muitos estudantes que já vivenciavam situações de precariedade em suas trajetórias migratórias, com a conjuntura de insegurança e incerteza imposta por uma epidemia em escala global, tiveram suas condições de vulnerabilidade ainda mais exacerbadas (Cairns, França, Malet Calvo, & Azevedo, 2021; Hari, Nardon, & Zhang, 2021).

Conclusões

Este estudo procurou compreender as trajetórias migratórias recentes de estudantes brasileiros em busca de realizar cursos de pós-graduação em Portugal, tendo como eixo de análise os conceitos de *projeto* e de *campo de possibilidades*, a partir das discussões do antropólogo Gilberto Velho. Foram tais concepções que possibilitaram nossas reflexões sobre os diferentes aspectos envolvendo processos migratórios entre estudantes de camadas médias urbanas:

- Quais eram as condições históricas, econômicas e sociais em que viviam no Brasil?
- De que forma se conformava seus *campos de possibilidades* em níveis macro e microestruturais?

Constatamos, por meio das entrevistas, que inicialmente havia uma vontade de viver novas experiências, associada à busca por melhorar sua qualidade de vida, além de um contexto considerado repulsivo no Brasil, sob o ponto de vista político e econômico.

Nos termos de Velho (1994, p. 47), “as trajetórias dos indivíduos ganham consistência a partir do delineamento mais ou menos elaborado de projetos com objetivos específicos”, assim, “a viabilidade de suas realizações vai depender do jogo e interação com outros projetos individuais ou coletivos, da natureza e da dinâmica do campo de possibilidades”. Então, podemos afirmar que não é uma tarefa fácil construir um *projeto* migratório para outro país. Pesam distintos fatores aqui analisados, que vão desde as condições de atração de universidades portuguesas em relação a estudantes brasileiros, semelhanças e diferenças culturais entre os países, redes de apoio de familiares e amigos e a constante avaliação de ônus e bônus envolvidos em uma escolha, que pressupõem intensas rupturas de vários tipos. As recentes transformações dos cenários econômico, social e político em ambos os países foi, nesse contexto, algo central para a constituição dos *projetos* individuais nos termos expressos pelo grupo de interlocutores em questão. O envelhecimento da população portuguesa e a demanda por mão de obra qualificada, além do posicionamento de Lisboa como uma cidade que deve atrair esses estudantes/consumidores, foram destacados como relevantes aspectos da configuração do *campo de possibilidades* em que se deu o desenvolvimento dos *projetos* individuais aqui analisados.

Acreditamos que a exposição e a análise de aspectos centrais do percurso migratório de 8 jovens adultos de camadas médias que migraram do Brasil para Portugal pode contribuir para novos estudos acerca da realidade de estudantes universitários estrangeiros; as possibilidades abertas pela construção do investimento educacional como parte de um *projeto* migratório, mas também os entraves e os rearranjos de tais *projetos* diante da experiência concreta da migração, seus percalços e seus limites. Esperamos que este artigo fomenta debates a respeito dos fluxos migratórios e das relações entre Brasil e Portugal sob a perspectiva daqueles que se encontram na base desse processo, ou seja, os migrantes, considerando suas expectativas, suas estratégias e suas experiências cotidianas.

Referências bibliográficas

Araújo, E., & Silva, S. (2014). Ecos do tempo: a mobilidade de investigadores e estudantes brasileiros em Portugal. *Sociologias*, 16(37), 218-250.

Baganha, M. I., & Góis, P. (1999). Migrações internacionais de e para Portugal: o que sabemos e para onde vamos? *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 52/53, 229-280.

BBC News Brasil. (2010, 13 de janeiro). *País mais pobre das Américas, Haiti ainda tentava se recuperar de furacões*. Recuperado de https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2010/01/100113_haiti_situacao_ir

-
- Cairns, D., França, T., Malet Calvo, D., & Azevedo, L. F. (2021). Immobility, precarity and the COVID-19 pandemic: the impact of lockdown on international students in Portugal. *Journal of Youth Studies*, [s.n.], 1-15.
- De Chiara, M. (2020, 13 de janeiro). *Década passada foi a pior para PIB no Brasil*. Recuperado de <https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2020/01/13/decada-passada-foi-a-pior-para-pib-no-brasil.htm>
- Direção Geral de Estatísticas da Educação e Ciência. (2020). *Raides19: Resultados 1o Semestre-Inscritos 2019/2020*. Recuperado de <https://www.dgeec.mec.pt/np4/1109.html>
- Fernandes, D., Peixoto, J., & Oltramari, A. P. (2021). A quarta onda da imigração brasileira em Portugal: uma história breve. *Revista Latinoamericana de Población*, 15(29), 34-63.
- França, T., Cairns, D., Malet Calvo, D., & Azevedo, L. F. (2021). Lisbon, the Portuguese Erasmus city? Mis-match between representation in urban policies and international student experiences. *Journal of Urban Affairs*, [s.n.], 1-15.
- França, T., & Padilla, B. (2018). Imigração brasileira para Portugal: entre o surgimento e a construção midiática de uma nova vaga. *Cadernos de Estudos Sociais*, 33(2), 207-237.
- Hari, A., Nardon, L., & Zhang, H. (2021). A transnational lens into international student experiences of the COVID-19 pandemic. *Global Networks*, [s.n.], 1-17.
- Iorio, J., & Fonseca, M. L. (2018). Estudantes brasileiros no Ensino Superior português: construção do projeto migratório e intenções de mobilidade futura. *Finisterra: Revista Portuguesa de Geografia*, 53(109), 3-20.
- Lima, M. (2016). O uso da entrevista na pesquisa empírica. In Centro de Estudos da Metrópole, *Métodos de pesquisa em ciências sociais: bloco qualitativo* (pp. 24-41). São Paulo, SP: Serviço Social do Comércio.
- Machado, I. (2015). Brasileiros no exterior e cidadania (1980-2005). *TOMO*, 26, 211-245.
- Malheiros, J. (2007). Os brasileiros em Portugal: a síntese do que sabemos. In J. Malheiros (Ed.), *Imigração brasileira em Portugal* (pp. 11-37). Lisboa, Portugal: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural.
- Mota, C. V. (2020, 15 de outubro). *Por que o real é a moeda que mais se desvalorizou em 2020*. Recuperado de <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-54549137>
- Pereira, H., & Stengel, M. (2015). Projetos de vida na pós-modernidade: possibilidades e limites aos jovens. *Psicologia em Revista*, 21(3), 582-598.
- Ploner, J., & Nada, C. (2020) International student migration and the postcolonial heritage of European Higher Education: perspectives from Portugal and the UK. *Higher Education*, 80(2), 373-389.

-
- Santos, M. (2006). *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo, SP: Edusp.
- Saturnino, R. (2015). *A construção do imaginário social dos imigrantes brasileiros em Portugal nas redes sociais da internet: o caso do Orkut* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Velho, G. (1989). *A utopia urbana: um estudo de antropologia social*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar (5ª edição).
- Velho, G. (1994). *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Velho, G. (2003). O desafio da proximidade. In G. Velho, & K. Kuschnir (Orgs.), *Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico* (pp. 11-19). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Velho, G. (2004). Cultura de classe média: reflexões sobre a noção de projeto. In G. Velho, *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea* (pp. 103-110). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Villen, P. (2018). *Brasil, país de expulsão? Desemprego e emigração no Brasil*. Recuperado de <https://www.comciencia.br/brasil-pais-de-expulsao-desemprego-e-emigracao-no-brasil/>

Para citar este artigo

Norma A – ABNT

LYRIO, B.; LÂNES, P. Campo de possibilidades e projeto: motivos que levaram estudantes brasileiros a Portugal. *Conhecer: Debate entre o Público e o Privado*, v. 12, n. 28, p. 116-136, 2022.

Norma B – APA

Lyrio, B., Lânes, P. (2022). Campo de possibilidades e projeto: motivos que levaram estudantes brasileiros a Portugal. *Conhecer: Debate entre o Público e o Privado*, 12(28), 116-136.

Norma C – Vancouver

LYRIO B, LÂNES P. Campo de possibilidades e projeto: motivos que levaram estudantes brasileiros a Portugal. *Conhecer: Debate entre o Público e o Privado* [Internet]. 2022 [cited Jan 4, 2022];12(28): 116-136. Available from: <https://revistas.uece.br/index.php/revistaconhecer/article/view/7539>